

NÃO PINTCHA



* ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3726/3728 — BISSAU



Vão entrar em circulação as notas de mil pesos

O Banco Nacional da Guiné-Bissau vai pôr em circulação, a partir da próxima sexta-feira, dia 20, novas notas de mil pesos.

A data da emissão é de 24 de Setembro de 1978, dia em que se completaram cinco anos sobre a histórica proclamação, pela nossa Assembleia Nacional Popular, do Estado da Guiné-Bissau.

As novas notas têm formato reduzido em comparação com as de quinhentos pesos (16 por 6,6 centímetros). A tonalidade predominante nelas é o verde.

Outras particularidades salientes são: a parte da frente, a do lado esquerdo, figura um motivo de decoração dum pano tradicional com formato rectangular,

tendo à direita e em fundo branco uma filigrama representando o perfil do Fundador da Nacionalidade, Amílcar Cabral. A direita do fundo branco que contém a filigrama, figuram: em cima, o desenho estilizado de busto de mulher usado na decoração de panos tradicionais e em baixo uma gravura representando um tece-

lão em actividade no seu tear. No cantos superior e inferior estão impressos a verde o valor em algarismos.

Ao centro encontram-se a legenda do Banco Nacional da Guiné-Bissau, a importância em letras, o indicativo numérico impresso a preto, a data de «24 de Setembro

(Continua na pág. 8)

No regresso da Jugoslávia Aristides Pereira avistou-se com Ramalho Eanes

O camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República irmã de Cabo Verde, que regressou ao seu país depois de uma visita oficial à Jugoslávia, a convite do Presidente Tito, fez uma escala em Lisboa, na sexta-feira passada.

No aeroporto da Portela, foi recebido pelo general Ramalho Eanes, Presidente da República Portuguesa, com quem almoçou no Forte de São Julião da Barra. No almoço, estiveram presentes o camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro de Cabo Verde, que também passou por Lisboa de regresso da sua viagem aos EUA, onde assistiu à reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas e o Primeiro-Ministro portu-

guês, eng.º Nobre da Costa. Os dois presidentes reuniram-se, mais tarde, estabelecendo conversações que incidiram, em especial, sobre os diversos níveis de cooperação entre os dois países. Recordamos que os dois estadistas já se tinham encontrado, no Sal, aquando da visita do Presidente da República Portuguesa ao Brasil.

Durante a sua visita oficial de dois dias à Jugoslávia, o camarada Aristides Pereira manteve conversações com o marechal Tito sobre temas de interesse comum, nomeadamente referentes ao Movimento de Não-Alinhados, de que Cabo Verde é um dos supostes, e Tito o fundador de um dos principais animadores.

O ano escolar de 1978/79 foi solenemente aberto em Farim

«O objectivo de libertar o nosso povo do analfabetismo foi uma das razões da nossa luta armada de libertação nacional. Por essa razão o desenvolvimento do ensino nas regiões libertadas levou ao inimigo intensificar os bombardeamentos sobre as escolas e as populações libertadas. Mas isso, ao invés de nos desencorajar, obrigou-nos a reforçar ainda mais a nossa defesa e prosseguir a guerra até à vitória final» — assim definiu a grande importância e o papel que a Educação desempenhou e desempenha no decorrer da nossa Revolução, o camarada João Bernardo Vieira, membro da Comissão Permanente do CEL do Partido e Comissário Principal do Conselho dos Comissários de Estado, num comício que assinalou, ontem em Farim, a abertura solene do ano escolar 1978/79. A razão da sua realização em Oio deve-se ao facto de ser a região modelo número um do ano lectivo escolar 76/77.

A cerimónia que, segundo as palavras do camarada Mário Cabral, Comissário do Desenvolvimento Rural, coincidiu com a passagem do cargo do Comiss-

ariado da Educação Nacional ao seu novo indigitado, camarada Filinto Vaz Martins, presente ao acto, foi realizada no estádio de futebol de Farim na presença (além de Nino Vieira, Mário Cabral e Filinto Martins) dos camaradas Carlos Correia, do CEL e Comissário das Finanças, Francisco da Silva, do CEL e Secretário-Geral da JAAC, Domingos Brito do CSL, em representação do Secretariado do PAIGC, João da Costa, do CSL e Comissário da Saúde e Assuntos Sociais e o Embaixador ale-

(Continua na pág. 8)

O novo Papa (não-italiano) chama-se João Paulo II

VATICANO — O cardeal Karol Wojtyła, tornou-se o 264.º Papa da Igreja, com o nome de João Paulo II, e o primeiro pontífice polaco.

Nascido a 18 de Maio de 1920 em Wadowice, perto de Cracóvia, de família operária, ele foi ordenado padre.

(Continua na pág. 8)

Mobutu em Angola

LUANDA — A visita do Presidente Mobutu a Angola, a primeira que efectua desde a independência deste país, a 11 de Novembro de 1975, «ilustra a vontade

(Continua na pág. 8)

Presidente da Fundação Gulbenkian no nosso país



O Presidente Luiz Cabral com o presidente da Gulbenkian o dr. Azeredo Perdigão

A convite do camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho do nosso Estado, encontra-se desde ontem em Bissau, para uma visita de dois dias, o presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, dr. Azeredo Perdigão, acompanhado de sua esposa.

A visita desta personalidade portuguesa insere-se

no quadro do estreitamento das já estabelecidas relações de cooperação e amizade entre o nosso Estado e a Fundação Calouste Gulbenkian.

No que se refere aos diversos contactos estabelecidos entre individualidades do nosso Estado e o ilustre visitante, pode o leitor apreciar mais informações na página 2, onde publica-

mos um pequeno histórico sobre a Fundação Calouste Gulbenkian.

INFORMAÇÃO
ANGOLANA
EM DEBATE

(CENTRAIS)
PORTUGAL:
IV GOVERNO
A VISTA

(PAGINA 8)

Nté ani ité

Bu misti fassim

Carne na boca

de faimados

pa bu rabida

Bu tornam

garaça na raganhaduras

de açons!

pa ora cum na passa

M'bata tchudido.

Ma ami gora,

na nha coldade de Waindere

Más bu tuadja de messa,

cu fadi bu guarda-napo

Bissau, 2 de Agosto de 1978

D'JASSI

Telegramas de felicitações ao camarada Nino Vieira

Do primeiro ministro da República Socialista da Roménia, Manea Manescu, o camarada João Bernardo Vieira (Nino), recebeu um telegrama de felicitações pela sua investidura e votos de sucesso na função de Comissário Principal da República da Guiné-Bissau, exprimindo a convicção de que as relações tradicionais de amizade e de solidariedade existentes entre os dois países se desenvolverão cada vez mais a bem dos nossos dois povos, pela causa da paz e da colaboração internacional.

Telegrama idêntico também chegou da República

Socialista do Vietnam, assinado pelo Primeiro Ministro Pham Van Dong felicitando o camarada Nino pela sua investidura no cargo de Comissário Principal do Conselho de Comissários e formulando votos de boa saúde e sucessos no cumprimento das suas novas funções.

Claude Cheysson, Comissário da Comunidade Económica Europeia, enviou ao camarada João Bernardo Vieira (Nino) um telegrama de felicitações por ocasião da sua nomeação para o cargo de Comissário Principal do Conselho de Comis-

sários de Estado da Guiné-Bissau, manifestando-se convicto de que será prosseguida e desenvolvida a frutuosa colaboração entre o nosso país e a C.E.E. no quadro da Convenção de Lomé.

Também da Associação de Caboverdianos e Guineenses, da qual é sócio honorário, o camarada Nino recebeu um telegrama de felicitações exprimindo confiança no bom desempenho de mais esta missão ao serviço do nosso Povo e Partido, honrando assim a memória do camarada Francisco Mendes.

O país

O presidente da Fundação Gulbenkian iniciou uma visita de dois dias ao nosso país

Acompanhado de sua esposa e a convite do camarada Presidente Luiz Cabral, chegou ontem ao nosso país o dr. Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian.

Vindo do Senegal, onde efectuou uma curta visita, a convite do Presidente Senegal, o dr. Azeredo Perdigão, permanecerá dois dias na Guiné-Bissau, onde estabelecerá alguns contactos com entidades governamentais. Prevê-se que, durante a visita, sejam abordadas novas formas de cooperação entre a Fundação Gulbenkian e o nosso país.

Ontem, pelas 17 horas foi concedida ao ilustre visitante, uma audiência pelo camarada Presidente Luiz Cabral. As 18 horas, teve lugar um espectáculo cultural, na qual estavam presentes alguns dirigentes do Partido e do Estado. A noite, foi-lhe oferecido um jar-

tar pelo embaixador português na Guiné-Bissau, dr. Pinto da França, nas instalações da embaixada.

Hoje, pelas 9h e 30 minutos, terá lugar na sede do Banco Nacional uma reunião de trabalho com representantes dos Comissários da Educação Nacional, Saúde e Assuntos Sociais, Informação e Cultura e Negócios Estrangeiros.

As 11 horas, a esposa do dr. Azeredo Perdigão visitará a sede da Comissão Feminina do PAIGC e a sala dos Raios-X do Hospital Simão Mendes.

As 16 horas os dois visitantes deslocar-se-ão ao Artesanato e, às 17 horas, ao Jardim Infantil «Titina Silá». As 20 horas terá lugar um jantar oferecido pelo camarada Presidente Luiz Cabral.

O QUE É A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN?

Em Abril de 1942, em plena II Guerra Mundial, Calouste Gulbenkian entrou em Portugal pela primeira vez, onde permaneceu, até à sua morte em 20 de Julho de 1955, no Hotel Aviz, em Lisboa.

Gulbenkian nasceu em Scutari (Istambul), Turquia, em 1869, de uma família de abastados comerciantes arménios. Calouste Gulbenkian, estudou no «King's College» de Londres, Inglaterra, onde se diplomou com distinção no «Department of Engineering and Applied Science, em 1887.

Da mesma forma como soube fazer uma grande fortuna, soube também distribuí-la com generosidade, quer em vida, quer para além da sua morte. Foi a sua preocupação constante ajudar aqueles cujos problemas ou necessidades não podiam ser ou não eram resolvidos por quaisquer organizações assistenciais.

Após ter feito importantes legados a seus filhos e estabelecido pensões vitalícias em favor de outros familiares e colaboradores de longa data, criou uma Fundação com o seu nome e que ficou sendo a herdeira do remanescente da sua fortuna.

Nos termos do testamento, os fins da Instituição são, caritativos, artísticos, educativos e científicos.

Pela maneira como em vida usou da sua fortuna e por morte dispôs dos valores que a constituíam, Calouste Gulbenkian deu uma prova exemplar da sua perfeita compreensão do que seja a função social da riqueza e dos deveres morais dos seus titulares.

A riqueza que ele reuniu pelo seu génio criador e trabalho tantas vezes exaustivo, acabou por reverter, fundamentalmente, a favor da humanidade sob a forma de benefícios materiais.

O testamento de Calouste Gulbenkian está assim redigido: «Pelo presente testamento é criada, nos ter-

mos da lei portuguesa, uma Fundação, que deverá denominar-se «Fundação Calouste Gulbenkian», com as seguintes bases:

É portuguesa, perpétua, a sua sede é em Lisboa, podendo ter, em qualquer lugar do mundo, as dependências que forem julgadas necessárias e a sua acção exercer-se-á, não só em Portugal, mas também em qualquer outro país onde os seus dirigentes o julgarem conveniente.

A Fundação rege-se pelos seus estatutos e pela legislação portuguesa competente em tudo que neles seja omissivo. Ela é isenta de contribuição predial quanto a imóveis destinados à sua instalação, e beneficia tam-

bém das isenções dos demais impostos. São consideradas de utilidade pública as expropriações dos imóveis que forem indispensáveis à realização dos fins da Fundação. Recordamos que a Guiné-Bissau tem estudantes em Portugal que são bolseiros da Gulbenkian.

Seminário de organização da JAAC

Promovido pelo Departamento de Organização da Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC), decorre desde ontem, em Bissau, numa das salas do Liceu Nacional K. N'Krumah, um seminário de Organização inscrito no programa de implantação das estruturas da nossa organização juvenil.

Este seminário que se processa em duas sessões diárias de duas horas cada, é ministrado por dois militan-

te da Komsomol.

Nas duas sessões realizadas ontem, foram abordados os seguintes temas: bases ideológicas e organizativas do movimento revolucionário juvenil, estruturas organizativas e o significado dos estatutos e o centralismo democrático.

Participam naquele seminário cerca de 30 jovens trabalhadores de diferentes departamentos estatais.

Responde o Povo

O que pensa do funcionamento dos mercados?

Os mercados são indispensáveis ao abastecimento alimentar da população. Por isso, qualquer anomalia que neles se verifique, perturba gravemente a vida da cidade. Quisemos saber o que pensam os utentes desse serviço essencial.

GRAVES PROBLEMAS PARA A SAÚDE

Fernanda Perdigão, 20 anos, professora — A situação dos nossos mercados é bastante difícil. Está difícil a existência dos «bideiros» que vendem peixe a um preço elevado. Eles compram o peixe a 15 pesos e revendem-no ao público, a 25 pesos.

Esta especulação deve ser combatida quanto antes. Além disso, a maioria de peixe que se vende, no período da tarde, no mercado, está podre e, isso causa graves problemas aos consumidores que caem na asneira de o comprar. No mercado de Bandim é difícil encontrar carne e, nos diversos mercados do país, existem diferenças de preços

que não se justifica. O peixe só aparece de vez em quando.

DIFERENÇAS DE PREÇO NOS MERCADOS

Fausto Cassamá, 19 anos, estudante — Neste momento, temos grandes problemas nos nossos mercados, entre os quais as diferenças de preços que se pedem pelos mesmos produtos. O mercado de Bandim é o que se encontra mais abastecido, o que origina deslocamentos de pessoas, de diversos bairros para ali se abastecerem.

Estas deslocamentos não seriam necessárias se os outros mercados fossem convenientemente abastecidos. Outro problema é o do exagero dos preços na venda do peixe por parte dos revendedores. Eles deviam fixar um preço adequado, ou então os fiscais que tomem uma medida rigorosa, para que este problema tenha a sua solução.

«BIDEIROS» AÇAMBARCAM OS PRODUTOS

Teresa Cruz, 40 anos, do

méstica — A situação dos mercados é difícil devido a existência dos «bideiros» que açambarcam os produtos. Porque se formos a uma loja, não encontramos lá os produtos desejados mas, em contrapartida, vê-se o mesmo produto à venda nos mercados, com um preço bastante mais alto. O abastecimento é satisfatório, na medida em que o peixe aparece de vez em quando. A sua falta, porém, é compensada com a existência de grande quantidade de carne nos talhos.

ABASTECER OS OUTROS MERCADOS PARA EVITAR DESLOCAÇÕES

Maria Fernandes Rodrigues, 20 anos, estudante — As dificuldades são enormes nos nossos mercados. Uma delas é a das grandes bichas que se encontram quando aparece o peixe. Isto acontece porque só encontramos peixe de tempos a tempos, o que deixa aflitas as pessoas que não possuem dinheiro suficiente para comprarem carne.

Resoluções gerais da II Conferência Sindical Nacional (1)

O camarada Afonso Gomes, do CSL, foi eleito secretário-geral da União Nacional dos Trabalhadores de Cabo Verde — UNTC, na II Conferência Sindical realizada de 19 a 23 de Setembro último. Na sessão final começou com debate e aprovação do «Programa de Acção», que já publicámos numa das nossas edições anteriores e seguiu-se à eleição dos órgãos directivos da Central Sindical, dirigida por uma Comissão Executiva Nacional (CEN) composta por 20 elementos e sete suplentes, que dispõe de um Secretariado Executivo de cinco membros e que estará directamente ligado à vida quotidiana da actividade da Central Sindical e a que competirá tomar decisões entre uma e outra reunião da Comissão Executiva Nacional. Pela sua importância, apresentamos hoje, as resoluções gerais da II Conferência Sindical dos trabalhadores do país irmão.

Na sequência das Resoluções do III Congresso do PAIGC em matéria de organizações de massa, a II Conferência Sindical Nacional, reunida na cidade da Praia, ilha de Santiago, nos dias 19, 20, 21, 22 e 23 de Setembro, após ter aprovado o Relatório Geral de Actividade e o Relatório Financeiro da COSCV, o documento «Para um Programa de Acção da Central Sindical» e escutado outros documentos apresentados à Conferência;

Tendo em conta que a realização do III Congresso do PAIGC e a relevância das suas decisões constituem mais uma importante conquista do nosso povo na materialização das suas justas aspirações ao progresso e à justiça social:

Considerando a necessidade de desenvolver e consolidar a participação democrática dos trabalhadores na gestão da vida nacional e na resolução dos seus problemas, para a construção da sociedade de justiça e progresso preconizada pelo PAIGC;

Considerando o papel que as organizações de massa e, em particular, os sindicatos, estão chamados a desempenhar na grande obra da reconstrução nacional, ao serviço dos trabalhadores e do povo de Cabo Verde;

Considerando que, na fase actual da nossa revolução, o esforço nacional se concentra fundamentalmente na criação das condições e dos meios necessários à construção da independência económica do país, para a melhoria progressiva das condições de vida das massas trabalhadoras, contra o subdesenvolvimento e suas consequências, nomeadamente o desemprego, a degradação das relações de trabalho, a indisciplina, o analfabetismo e a ignorância;

Tendo em conta o grau de desenvolvimento da Organização Sindical em Cabo Verde, o qual permitiu a transformação da Comissão Organizadora dos Sindicatos Caboverdianos em Central Sindical;

Considerando os princípios e objectivos da União Nacional dos Trabalhadores de Cabo Verde — Central Sindical, acabada de constituir;

Considerando a necessidade de se estender progressivamente e consolidar as estruturas sindicais como condição indispensável à existência de uma Organização Sindical forte unitária, verdadeiramente representativa e capaz de enquadrar correctamente as massas trabalhadoras caboverdianas na luta pela defesa dos seus interesses específicos e na prossecução dos objectivos nacionais;

A II Conferência Sindical Nacional decide:

a) Registrar com regozijo, as decisões do III Congresso do PAIGC, em particular, as que dizem respeito ao princípio da defesa intransigente dos interesses das massas trabalhadoras e da garantia da crescente e activa participação destas na gestão dos seus interesses;

b) Saudar militantemente a Direcção Superior do Partido e manifestar a sua satisfação pela recondução do camarada Aristides Pereira no alto cargo de Secretário-Geral do nosso Grande Partido, o que constitui uma garantia segura de continuidade da linha do PAIGC na defesa intransigente das massas trabalhadoras;

c) Manifestar a sua satisfação pelas medidas adoptadas pelo Governo de Cabo Verde, no sentido da participação dos trabalhadores, através das suas organizações sindicais, na direcção das empresas públicas e outras instituições estatais, dando cumprimento às resoluções do III Congresso e do Programa Maior do PAIGC;

d) Colaborar activamente com o Governo de Cabo Verde e os diversos departamentos do Estado e com outras organizações sociais no estudo e na criação de condições necessárias à melhoria progressiva das condições de vida e de trabalho das massas trabalhadoras caboverdianas;

ras caboverdianas;

e) Exortar os trabalhadores caboverdianos ao trabalho produtivo, a austeridade, à disciplina na produção e confiança no futuro do nosso País, junto a todas as forças nacionais e patrióticas, sob a direcção do nosso Grande Partido, o P.A.I. G.C.;

f) Envidar todos os esforços no sentido do reforço da Organização Sindical e da sua extensão a outras partes do Território Nacional e a outros ramos ou sectores de actividade económica;

g) Incrementar o trabalho de mobilização e recrutamento de novos associados, visando o enquadramento global dos trabalhadores e a sua unidade numa Central Sindical forte e coesa, para a defesa eficiente dos seus interesses específicos e a realização dos objectivos nacionais perseguidos pelo Estado de Cabo Verde;

h) Reafirmar uma vez mais a solidariedade fraterna dos trabalhadores caboverdianos para com os trabalhadores da República-Irmã da Guiné-Bissau, representados na sua Central Sindical;

i) Reafirmar o apoio e a solidariedade militantes dos trabalhadores caboverdianos e da sua Central Sindical para com os trabalhadores e povos em luta contra a dominação imperialista, o fascismo e o racismo e, em particular, os trabalhadores e povos irmãos da Namíbia, África do Sul e do Zimbábue, os democratas chilenos contra a Junta Fascista, os povos árabes contra a dominação sionista;

j) Apelar aos trabalhadores caboverdianos a envidar todos os esforços, no sentido do cumprimento das Resoluções desta II Conferência Sindical, para a consecução dos objectivos propostos.

II

PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES NA GESTÃO ECONÓMICA DO PAÍS

A II Conferência Sindical Nacional, tendo em atenção as linhas de orientação económica e social defendida pelo III Congresso do P.A.I. G.C., os esforços do Estado de Cabo Verde no sentido da construção duma economia nacional independente e a instauração da justiça social, e as medidas progressivas introduzidas pelo Governo de Cabo Verde com vista à participação activa dos trabalhadores na gestão económica do país, decide:

I. No domínio da participação.

a) Desenvolver uma acção permanente no seio dos trabalhadores destinada a elevar a produtividade e a produção económica nacional;

b) Incentivar os trabalhadores a preservar e a enriquecer o património nacional constituído pelos bens públicos, nomeadamente nas unidades em que trabalham;

c) Desenvolver a prática da emulação patriótica no trabalho, com base na camaradagem e competição fraternal, na elevação da quantidade e qualidade do trabalho;

d) Garantir a responsabilização dos trabalhadores nas empresas públicas mediante a sua participação nos Conselhos de Direcção e através das comissões de delegados sindicais e outras formas organizadas de participação;

e) Em colaboração com o Governo, dar os passos necessários no sentido da adopção de legislação actualizada que venha a reger a acção dos sindicatos nas empresas privadas;

f) Apoiar o movimento cooperativista e fomentar a criação de cooperativas, em especial, cooperativa de produção entre os trabalhadores como meio de melhorar as suas condições de vida e de aumentar a riqueza nacional.

2. No domínio das garantias da defesa dos interesses das massas trabalhadoras.

a) Velar pelo estabelecimento de relações justas no trabalho entre as diferentes categorias de trabalhadores e entre estes e os responsáveis, baseadas no respeito mútuo e no reconhecimento do valor do trabalho de cada um;

b) Agir em estreita coordenação com a Direcção-Geral da Função Pública e do Trabalho e a Direcção-Geral da Marinha, no sentido da aplicação da política laboral justa definida pelo Governo, nomeadamente pela liquidação de todas as relações degradantes, abusos, arbitrariedades por parte do patrono, por um lado e, dos representantes do emprego público, por outro;

c) Fiscalizar a aplicação das normas legais e contractuais em matéria de trabalho, nomeadamente lutando contra os encerramentos e licenciamentos incontrolados e, principalmente, contra os despedimentos arbitrários e sem processo disciplinar;

(Continua nas Centrais)



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

V. PARA A MELHORIA DAS NOSSAS FORÇAS ARMADAS (*)

Temos que ter, nas nossas forças armadas, a certeza de que uma força armada é tanto mais valiosa, quanto mais se move, quanto mais se treina, quanto mais se age. E temos que levar as nossas Forças Armadas, sempre no caminho dos princípios da economia: economia da vida, de munições, de armas, porque nós somos pobres, e somos poucos na nossa tarefa. O princípio de iniciativa permanente, de audácia, de coragem, de heroísmo, de mobilidade, velocidade, rapidez, é muito importante nas Forças Armadas que lutam pela libertação da sua terra. Devemos ser capazes de atacar o inimigo várias vezes, o mesmo grupo, em vários sítios. Isso mostra que podemos multiplicar as nossas forças. Se somos um grupo e formos capazes de atacar o inimigo várias vezes, mudando sempre de posição, o inimigo pode pensar que somos muita gente, pode ficar com medo. Devemos, nas nossas Forças Armadas, respeitar todos esses princípios, que o nosso Partido tem mostrado claramente aos nossos dirigentes, aos nossos responsáveis, desde sempre, dentro da nossa luta.

Tratando do trabalho, que devemos fazer no momento actual da nossa luta para fazermos avançar mais rapidamente o dia da nossa vitória, em todas as frentes de resistência, já mostrámos aos camaradas claramente que as coisas que temos que fazer não são nada de novo que inventamos, porque já são conhecidas em geral, mesmo há alguns anos, quer de conversa quer por escrito, nas palavras de ordem do nosso Partido, em diversos outros documentos do nosso Partido. O problema fundamental é pôr isso na prática mais rigorosamente cada dia. Entretanto, é bom, que nesse momento mesmo, considerando o avanço da luta, as suas vitórias, dificuldades, insucessos e algumas condições novas que a própria luta criou, ou que o inimigo procura criar para servir os seus interesses, é bom fazermos uma revisão alargada do trabalho que devemos realizar na etapa actual da nossa luta. Conversámos com os camaradas, sobre problemas em geral, falámos sobre os melhoramentos necessários no nosso trabalho político, sobre o trabalho que devemos fazer para reforçar, consolidar, as nossas áreas libertadas, e conversámos sobre o trabalho necessário para reorganizar cada dia melhor, reforçar e desenvolver, as nossas Forças Armadas.

Dentro do quadro das nossas Forças Armadas e da nossa acção hoje em dia paralelamente quer dizer ao mesmo tempo quer no plano político devemos desenvolver a ligação e o trabalho clandestino nos centros urbanos devemos avançar com a acção das Forças Armadas nos centros urbanos. Há já algum tempo, com os materiais de canhões que o Partido arranhou e com os artilheiros que o Partido formou, as nossas Forças Armadas começaram a atacar os centros urbanos e os quartéis dos tugs.

(*) Exposição no Seminário de quadros, em Novembro de 1969.

A informacao angolana em debate

Criar tribunas de onde o povo faça ouvir a sua voz

Durante as últimas quatro dezenas de anos da sua dominação, o colonialismo português submeteu a imprensa e a rádio das suas colónias a uma estagnação que, não só lhe destruiu toda a utilidade social, como impedia a formação de quadros jornalísticos que hoje pudessem servir de base ao relançamento de uma verdadeira Informação ao serviço das massas trabalhadoras dos novos países em construção.

Com raríssimas e pouco significativas excepções, os quadros que hoje asseguram a Informação nos novos países africanos libertados da opressão colonialista portuguesa foram formados, quase exclusivamente no trabalho prático, após as independências. A esmagadora maioria dentre eles nunca haviam tido contacto, sequer como leitores ou ouvintes, com uma Informação progressista e tecnicamente aceitável.

Com tal ponto de partida, é inevitável que os órgãos de Informação dos nossos países apresentam deficiências mais ou menos graves e estejam ainda muito longe de corresponder às necessidades das novas nações e mesmo às exigências que, legitimamente, lhes põem os seus partidos e movimentos de vanguarda.

Neste contexto, parece-nos do maior interesse divulgar entre nós alguns dos temas mais importantes abordados num extenso debate organizado pelo Jornal de Angola sobre a Informação naquele país.

Particularmente significativas são as contribuições dadas por Lúcio Lara, membro do Bureau Político do MPLA — Partido do Trabalho, Artur Pestana, vice-ministro da Educação, e por directores dos vários órgãos da Informação angolana.

A INFORMAÇÃO DEVERA TER UM CARACTER MAIS CRITICO E MENOS ELOGIOSO

Lúcio Lara e Artur Pestana deram grande realce nas suas intervenções à necessidade de a Informação abandonar o estilo estereotipado de abundantes e excessivos elogios à acção dos dirigentes, para se ocupar mais com os problemas directamente sentidos pelo Povo, para que o Povo possa ver nela, realmente, a sua voz.

Para o vice-ministro angolano da Educação, «se a Informação não critica, se apenas diz que tudo está bem, não só não ajuda o Partido e o Estado a detectar possíveis erros, como está a dar ao próprio Povo uma falsa aparência de que tudo está a correr bem, que não há dificuldades, porque não se fala delas (...) A Informação peca por ser demasiado apologética. Reacção

demasiado as vitórias que, muitas vezes, nem são vitórias, e, quando o são, exagera.

Concretizando o seu pensamento, Artur Pestana declara: «Aparecem muitos dirigentes, muitas vezes até a dizer coisas que não têm grande importância, substituindo outros aspectos da vida nacional que podiam ganhar mais realce». E, mais adiante: «Nos aspectos da vida económica e social, em que há tantas carências, tantas dificuldades, dá-se às vezes a entender que tudo corre bem, quando nós sabemos que na realidade não é assim. É certo que a Informação tem o papel de encorajar, de mobilizar, mas esse encorajamento do Povo, essa mobilização só pode fazer-se situando realmente os problemas e informando o próprio Povo sobre as dificuldades que tal ou tal sector atravessa para cumprir o seu objectivo».

Referindo-se ao esforço desenvolvido pelo Jornal de Angola no sentido de fazer chegar aos diversos organismos do Estado as críticas formuladas pelos seus leitores ou veiculadas pelos jornalistas em estreito contacto com as massas, Artur Pestana considerou-a «uma iniciativa, a que todos os organismos do Estado e do Partido deviam corresponder. É necessário — acrescentou — que um leitor que pegue num jornal ou um ouvinte que ouça a rádio veja que as suas preocupações são transmitidas aos responsáveis pelos canais correspondentes, e que esses responsáveis possam responder, por forma directa ou indirecta, a essas preocupações. É exactamente uma das formas de fazer com que o Povo participe e sinta que está, de facto, a participar na Revolução, na correcção dos erros, e na resolução dos problemas. E junto com essas críticas tem de aparecer, e aparecer sempre, sugestões que são válidas e que devem ser estudadas».

A CRITICA E A AUTO-CRITICA NA INFORMACAO E NÃO SÓ...

Na mesma linha de pensamento, Lúcio Lara referiu, na sua intervenção no debate do Jornal de Angola,

as orientações do último plenário do Comité Central do MPLA, segundo as quais, afirmou, «há que pôr os problemas, há que pôr os dedos nas feridas (...) pôr à disposição do público órgãos de Informação que sejam (para o Povo) uma tribuna para ele exprimir as suas preocupações, as suas inquietações, e assumir esse papel crítico depois de recolhida a opinião do organismo a que diz respeito o assunto (...) para que a Informação sirva de contacto entre o público e os organismos responsáveis».

Esta preocupação tem encontrado eco nas instâncias mais elevadas do Partido do Trabalho. «O camarada Presidente e eu próprio — prossegue Lúcio Lara — temos insistido para que se dinamize este processo crítico através da Informação, pondo-a ao serviço das diferentes críticas que os trabalhadores e o Povo tenham a fazer aos organismos».

Alguns dias depois da publicação destes depoimentos no Jornal de Angola, a Televisão organizou uma mesa redonda sobre o mesmo tema, em que participaram os directores de quase todos os órgãos da Informação do país. O director do Jornal de Angola, Costa Andrade, respondeu às críticas dos dois dirigentes apontando a pouca preparação da Informação para assumir mais dinamicamente esse papel crítico, considerando:

«Eu penso que ela (a Informação angolana) só está preparada relativamente, não totalmente. E não está totalmente preparada porque, de facto, a prática da crítica e da auto-crítica no nosso país, como na informação, é muito deficiente. Tão deficiente que cabe neste momento agradecer, se fosse necessário agradecer, ao camarada Presidente, pelos vários encorajamentos, repetidos de que a Informação faça críticas e auto-críticas. Também agradecemos, neste momento, aos camaradas Lúcio Lara e Pepetela (Artur Pestana), que se dispuseram a fazer sugestões e críticas. A maioria dos responsáveis, quer do Partido quer do governo, contactados para emitirem a sua opinião, e habituais críticos da nossa Informação, não a quiseram fixar por escrito, encontraram desculpas ou falta de tempo, ou não era ocasião ou tinham outras coisas para fazer.

«Ora, isso reflecte-se igualmente, nos órgãos de difusão massiva. Os jovens jornalistas (porque são todos jovens) geralmente não sa-

bem até onde podem ir por causa desta falta de prática do exercício da crítica e da auto-crítica. Geralmente a reacção a essas críticas é muito dura. Dura, quer no sentido da ameaça, quer do fechar as portas para futuros trabalhos, quer, simultaneamente, no dificultar de quaisquer contactos».

«QUANDO O FERRO ARREFECE CRIA FERRUGEM...»

Citando alguns reflexos da receptividade popular a um jornalismo de intervenção, Costa Andrade afirmou:

«Houve uma série de escritos no Jornal de Angola que ficaram conhecidos pela série do ferro quente. E, nessa altura, fizeram-se críticas. Essas críticas entusiasmaram camaradas do Cunene, de Cabinda, do leste e do litoral, que repetidas vezes nos escreveram, dizendo: «o ferro já está demasiado frio, vai criar ferrugem». É necessário que se bata no ferro quente. Só que, neste momento, é preciso aquecer o ferro. E as condições para aquecer o ferro parecem mais difíceis, porque para se informar é preciso estar informado.

«(...) Nós enviamos aos responsáveis cartas críticas.



Evidentemente que, por ética profissional, não damos a identificação do autor da carta, que fica reservada ao jornal. Pois a grande maioria das cartas que se enviam aos serviços, aos organismos e até ministérios, ficam sem resposta. E são críticas do Povo, é participação do Povo».

A necessidade de submeter o exercício da crítica a um controlo responsável, para impedir a sua utilização reaccionária, esteve presente nas intervenções dos vários participantes. Ainda Costa Andrade:

«Evidentemente que também recebemos cartas críticas que não publicamos, porque não se tratam de críticas, são insultos, posições reaccionárias que não publicamos». E Artur Pestana referiria: «A crítica deve ser feita construtivamente, devidamente enquadrada e

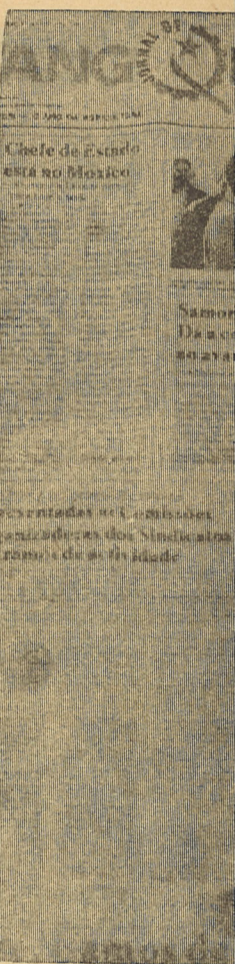
analizada para não vir a ter uma utilização reaccionária».

«SER MILITANTE É SER A VOZ DAS MASSAS»

Para Lúcio Lara, a questão da formação ideológica é determinante nos problemas que afectam a Informação:

«Vamos dizer que a Informação é pertença do Partido, do DOR, que abarca toda ela. Mas digamos que o Partido ainda não está na Informação, quer dizer, em termos de militância, em termos de consciência política e ideológica dos trabalhadores, em termos de organização, o Partido ainda não está na Informação. Isso nota-se, é demasiado evidente até, no conteúdo da informação que é fornecida ao público. Vamos dizer que, em grande parte, toda a Informação está dentro da linha política do MPLA, mas a maneira como se coloca dentro dessa linha ainda não é natural, é forçada». E, concretizando: «Eu posso dizer, com conhecimento de causa, que os nossos camaradas das províncias, não só os responsáveis como os próprios trabalhadores dos campos, das fábricas, se queixam de que há determinados actos que se fazem a nível de uma fábrica, de um município, que não merecem três linhas no jornal ou uma referência na nossa rádio, e, às vezes, um acontecimento vulgaríssimo daqui da capital tem grande relevo (...) Nas festas populares, em diversos actos, dá-se mais atenção ao particular caso de meia dúzia de dirigentes estarem presentes, do que a uma massa grande para quem se está a efectuar, na realidade, o acto. Isso deve-se, de facto, a uma carência do Partido dentro da Informação, à falta de camaradas na Informação que sejam militantes, no sentido de interpretarem as preocupações das massas».

Tanto Lúcio Lara como os vários directores de órgãos de Informação (participaram no debate, além de Costa Andrade, Rui de Carvalho, director da Rádio Nacional de Angola, Orlando Rodrigues, Director da Televisão Popular de Angola, João Melo, da direcção da Angop, e Roberto de Almeida, director da revista «Novembro», cujas intervenções reforçaram as linhas gerais das que temos citado) dedicaram grande atenção às dificuldades de penetração dos grandes órgãos da Informação nacional para além dos grandes centros



urbanos. Embora esse seja um problema que afecta — e em grande medida — a nossa Informação, o debate havido focou-se principalmente as particularidades do caso angolano, que não nos parecem grande utilidade a sua produção.

Creemos que, em geral, estes apontamentos colhidos do salutar promovido pelo nosso ga angolano, poderão vir de incentivo a um discussão sobre as nossas próprias dificuldades e

Conferência

(Continuação da página anterior)

d) Velar pela justiça social e melhoria das condições de vida dos trabalhadores, propondo ao Governo — medidas tendentes ao alargamento das relações sociais no trabalho;

— que, quando da elaboração das tabelas salariais referentes aos trabalhadores de departamentos ou serviços estatais, seja prevista ouvida a organização sindical competente.

e) Iniciar e promover o sistema de contratação colectiva de prestação de serviços como uma das bases fundamentais da defesa dos interesses dos trabalhadores. Velar para a abertura de qualquer empresa ou obra, os trabalhadores sejam admitidos perante contrato colectivo de trabalho, onde tal prática mostre viável;

f) Promover campanhas de esclarecimento junto dos trabalhadores, em cooperação com o Instituto Seguros e Previdência Social e todos os departamentos e organizações in-

O OUTONO DO TIRANO

Por Gabriel Garcia Marquez

As barricadas caíem, bairros inteiros desaparecem em cinzas e as valas comuns estão a abarrotar: à insurreição geral desencadeada em 9 de Setembro último, o ditador Anastácio Somoza, responde com a guerra total. Há 40 anos que a família se mantinha preparada para essa confrontação final com um povo, ao qual, confiscou a liberdade, sangue e terras. Ditadores de pais para filhos, os Somozas devem a sua salvação a uma «Guarda Nacional» treinada nos Estados Unidos. Bastará ela, desta vez, para manter um regime detestado por todas as camadas sociais e profissionais da população nicaraguense perante os assaltos dos guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação Nacional? Durante muito tempo entrincheirados na clandestinidade, os «sandinistas», assim denominados em memória do general Sandino, que já lutava contra a ocupação americana há 40 anos e foi assassinado pelo avô do actual ditador, lutam agora de rosto descoberto com o apoio de todo um povo.

Para acelerar o prazo, da queda do ditador Somoza, os guerrilheiros sandinistas executaram, em 22 de Agosto último, o golpe mais surpreendente da história movimentada das Repúblicas latino-americanas; a captura, como reféns, de uma câmara de deputados fantoches, sem escapar um único, em pleno dia, no centro da capital. Gabriel Garcia Marquez, o genial e consagrado escritor colombiano, conseguiu encontrar-se com os chefes do comando responsável por essa acção à sua chegada ao Panamá, onde obtiveram asilo político. Segue-se, restituído, a quente pelo autor de «Cem Anos de Solidão» a descrição da sua odisseia em exclusivo para o semanário português «O Jornal», que transcrevemos na íntegra:

O plano, pela sua extrema simplicidade, tinha foros de loucura: tratava-se de conquistar, em pleno dia e apenas com vinte e seis homens, o Palácio Nacional da Manágua e capturar como reféns os membros da Câmara dos Deputados, a fim de obter em troca a libertação de todos os presos políticos.

O Palácio Nacional, um edifício antigo e severo de dois pisos com pretensões monumentais, ocupa todo um quarteirão, com suas inúmeras janelas laterais e uma fachada de colunatas de pátienon bananeiro sobranceiras à desolada Praça da República. Além do Senado, no primeiro andar, e da Câmara dos Deputados, no segundo andar, é a sede do Ministério do Interior e da Fazenda Pública, pelo que, de todos os edifícios oficiais da Manágua, é o mais público e povoado. Por esse motivo, vê-se sempre um polícia armado, até aos dentes junto de cada porta, mais dois na escada de acesso ao segundo andar e numerosos pistoleiros de ministros e de parlamentares, um pouco, por toda a parte. Nas horas de expediente, entre o público e os funcionários, pelo menos três mil pessoas vão e vêm nos corredores, gabinetes e caves. Isso não impede, porém, a direcção da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) de considerar que a tomada de assalto daquela floresta burocrática não representava uma loucura, mas, muito pelo contrário, uma extravagância magistral.

«OPERAÇÃO POCILGA»

Na realidade, o plano fora concedido e sugerido em 1970 por um veterano da luta, Eden Pastora, mas, para traduzir em actos, aguardou-se que se tornasse manifesto que os Estados Unidos auxiliariam Somoza a permanecer no seu trono de

sangue até 1981. «Aqueles que especulam sobre a minha saúde escusam de ter ilusões», declarou o ditador, no decorrer da sua viagem a Washington. «Há muitos outros em piores condições», acrescentou com uma arrogância própria do seu temperamento.

Pouco depois, foram anunciados três empréstimos: dois de quarenta e um de sessenta milhões de dólares. A taça ficou cheia quando o presidente Carter enviou a Somoza uma carta pessoal, redigida pelo seu próprio punho que o felicitava por uma pretensa melhoria da situação dos «Direitos do Homem» na Nicarágua. A direcção geral da FSLN, estimulada por uma notável escalada da agitação popular, decidiu então que se tornava urgente replicar de forma terminante e ordenou a aplicação do plano congelado, durante tantos anos e numerosas vezes adiado. Como se pretendia sequestrar os parlamentares do regime, a acção recebeu o nome de código de «Operação Pocilga», ou seja, o ataque ao local de reunião dos porcos.

A responsabilidade coube a três militantes de dedicação a toda a prova. O primeiro — que a concebera é que deveria assumir o comando — dava por um nome semelhante a um pseudónimo de poeta na própria pátria de Ruben Dario: Eden Pastora. De quarenta e dois anos conta vinte de intensa vida de militante e dá provas de aptidão para o comando que em nada afecta a sua extraordinária jovialidade. Procedente de um meio conservador, fez os seus estudos secundários entre os jesuítas, após o que frequentou três anos de Medicina na Universidade de Guadalajara, México. Três anos em cinco, na realidade, porquanto interrompeu a frequência várias vezes para ingressar na guerrilha

do seu país. A sua recordação mais remota é a morte do pai, quando ele contava sete anos, assassinado pela Guarda Nacional de Anastácio Somoza Garcia. Como chefe da operação e para respeitar a convenção própria da FSLN, viria a ser conhecido pelo número de código «Zero».

O segundo a ser designado foi Hugo Torres Jimenez, velho militante — aos trinta anos — da guerrilha, dotado de uma formação

de três anos de Medicina, «mas fiquei farta e desisti», sublinha. «Era demasiado triste estar com tanto trabalho para tratar de crianças vítimas de desnutrição e vê-las voltar três meses depois, num estado de sub-alimentação ainda pior». Provém da frente norte da guerrilha, denominada «Carlos Fonseca Amador», e vive na clandestinidade desde 1976.

Vinte e três rapazes completam o comando. A direcção da FSLN escolheu-os entre os elementos mais resolutos e mais bem preparados para a luta de todas as comissões regionais do país, mas o que mais surpreende neles é a juventude. A excepção de Pastora, a média de idade no comando é de vinte e três anos. Três dos elementos contam apenas dezoito anos.

A TRÊS DIAS DA OPERAÇÃO

Os vinte e seis membros reuniram-se pela primeira



Gabriel Garcia Marquez

vez uma ideia da grandiosa sala azul em que os deputados actuavam, por a televisão. O resto do grupo, não só não conhecia o Palácio Nacional como a maior parte não tinha posto os pés em Manágua. Todavia, os dirigentes dispunham de um plano do local perfeitamente traçado, com uma precisão FSLN, e cada um conhecia de cor, há várias semanas os mínimos recantos das instalações como se tivessem passado lá metade das suas vidas.

O dia escolhido para pa-



Palácio Nacional de Manágua

política tão segura como a sua formação militar. Participou no sequestro de todos os convidados de uma festa promovida em honra de um membro da clã Somoza, em 1974, e foi condenado à revelia a trinta anos de prisão, após o que viveu na Nicarágua na clandestinidade absoluta. Tal como na operação anterior, tinha o número «Um».

O número «Dois» — única mulher do comando — é Dora Maria Tellez, atraente rapariga de vinte e dois anos, tímida e ponderada, uma inteligência e segurança de juízo que lhe permitiriam triunfar em qualquer domínio. Também frequen-

vez num esconderijo situado em Manágua, apenas três dias antes da data prevista para a operação. Além dos três primeiros números, não se conheciam e não faziam a mínima ideia da natureza da operação. Os superiores contentaram-se em os advertir de que se tratava de um golpe particularmente audacioso, em que arriscariam a vida. Não obstante, nenhum vacilou.

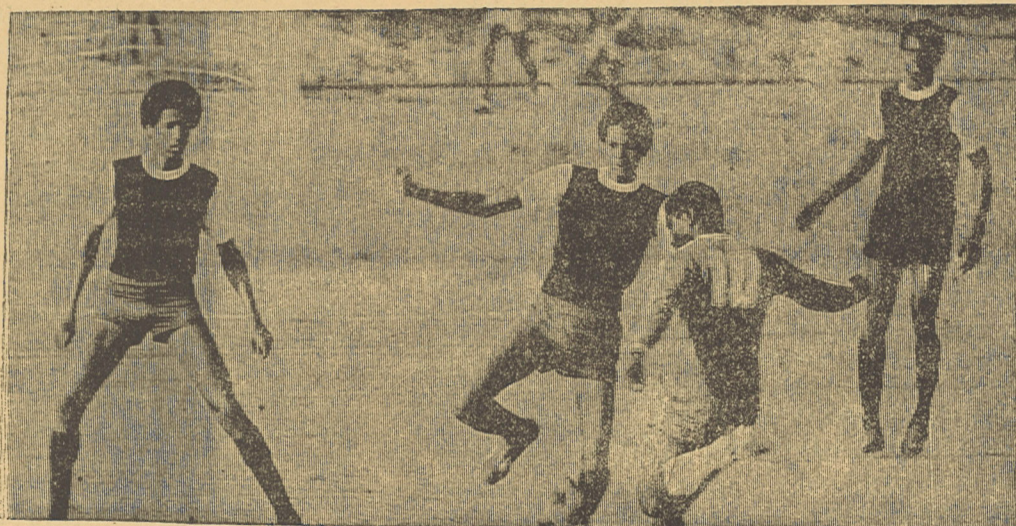
O único que entrara no Palácio Nacional era o comandante «Zero», na época em que, ainda criança, acompanhava a mãe que ia pagar os impostos. Dora Maria, o número «Dois» fa-

ria a acção foi a terça-feira, 22 de Agosto, em virtude do debate do orçamento garantir uma assistência mais numerosa. As nove e meia da manhã, quando os serviços de vigilância confirmaram que haveria o facto reunião da Câmara, vinte e três rapazes foram postos ao corrente de todos os pormenores do plano secreto e cada um ficou incumbido de uma missão. Repartidos por seis equipas de quatro, em obediência a um método complexo porém muito eficaz, todos se viram dotados de um número que permitia a cada um conhecer a sua equipa e posição nesta.

1.ª Jornada do Nacional de Futebol

Ajuda Sport, 1 - Udib, 4 deixa seguir e depois se verá...

No domingo à tarde, a Udib cilindrou o Ajuda Sport por 4 bolas a uma, no desafio de futebol a contar para a primeira jornada do nacional de futebol. Com visível entusiasmo, o Ajuda Sport terminou a primeira parte do encontro a vencer por 1-0 e, pelo desequilíbrio do jogo a seu favor, tudo levava a crer que a equipa adversária, desnorteada, ia mesmo afogar-se no seguro do tempo. Porém, não foi surpresa para ninguém ver a Udib jogar com toda a calma, apesar da desvantagem, característica à qual nos habituou durante a época passada. Assim, na segunda parte, os golos foram-se sucedendo. Primeiro, marcou o defesa João Carlos, estabelecendo a igualdade. O atacante Djudju duplicou e triplicou a vantagem que lhe passou a peritencer, vindo Mário João a fechá-la marcando o quarto



Na primeira parte: Eis Barreto tentando, em vão, violar a baliza do Ajuda Sport. Vedam-lhe a passagem Otto e Néllito.

e último golo.

O segredo de fundo da vitória da Udib esteve no poder de antecipação, embora o quarteto defensivo do Ajuda Sport tenha resistido bem. Após o intervalo, Barreto foi substituído na equi-

pa da Udib por Nené, passando Domingos Cá para a extrema-direita. Assim, o técnico Mário Aureliano modificou correctamente o sistema de ataque, que passou a ter mais peso no lado direito, e mais poder de antecipação sobre a defensiva do Ajuda.

Logo após o surpreendente golo do defesa João Carlos, a Udib voltou a fazer mais dois golos provenientes dos cruzamentos de Domingos Cá para a cabeça de Djudju. Este, com rapidez e precisão, enviou os dois «frangos» para o galinheiro do Ajuda Sport. O último golo da Udib nasceu de um livre directo, apontado pelo médio João Pontes (ex-ajuda Sport). O esférico fez estrondo no poste direito da baliza do malgrado Fernandes, e surgiu Mário João na recarga para

o golo.

Um caso curioso que mereceu comentário é o da guarda redes de qualidades reconhecidas na nossa selecção nacional, Mário João, que resolveu abandonar os postes para se integrar na linha atacante da Udib. A sua estreia neste jogo foi bem sucedida. Resta saber se, no futuro, esta sua renúncia não lhe trará desgostos.

RESULTADOS

Bolama-FARP	2-3
Farim-Benfica	1-2
Sporting-Cantchungo	2-2
Bafatá-Bula	1-2
Ajuda Sport-UDIB	1-4
Balantas-Gabú	2-0
Bissorã-Buba	1-2

O Desportivo de Tombali somou dois pontos por falta de comparência da equipa do Ténis Clube.

Inicia-se brevemente o torneio FARP de ténis

Enquadrado nas comemorações do 14.º aniversário da criação das Forças Armadas Revolucionárias do Povo, terá brevemente início, em Bissau, o «torneio FARP de Ténis». Pretende-se que o final deste torneio coincida com o dia 16 de Novembro próximo, data do aniversário da fundação das FARP.

Sob proposta do Grupo Desportivo, Recreativo e Cultural das FARP, este torneio será organizado pela Escola Central do Lawn Tennis, com a participação de 32 tenistas divididos em dois grupos. Conforme as informações colhidas junto do professor Nuna, os jogos mais importantes são os do grupo A, em que se defron-

tarão oito elementos «consagrados» da classe de seniores contra oito dos melhores da classe de juniores. Todos os jogos decorrerão no «court» anexo ao Estádio Lino Correia, em Bissau.

PROSEGUE O TORNEIO JAAC

Em prosseguimento das eliminatórias do «Torneio JAAC de Ténis», terá lugar na tarde de sábado passado, um desafio da classe de seniores, entre Valdemar de Oliveira e Tony Cardoso. Mas, por falta de comparência deste, a vitória pertenceu a Valdemar, que ficou assim apurado para as meias-finais.

O programa das Taças de Africa

CAIRO — A Confederação Africana de Futebol estabeleceu, no decurso de uma reunião, realizada recentemente no Cairo, o calendário das próximas eliminatórias da Taça da África das Nações e das duas taças de Africa de clubes.

De 1 de Novembro a 31 de Setembro, serão disputados os encontros Mada-gáscar-Malawi, Ilha Maurícia-Lesoto e Benin-Níger, para a Taças das Nações.

A primeira volta terá lugar entre 1 de Fevereiro e 20 de Abril. As datas da segunda volta não foram ainda fixadas.

O vencedor do jogo Algéria-Burundi jogará com o vencedor do encontro, Líbia-Etiópia, a Zâmbia contra o vencedor do jogo Madagáscar-Malawi, o apurado do jogo Egipto-Somália contra o Quénia, a Tanzâ-

nia defrontará o vencedor do encontro Ilha Maurícia-Lesoto e Costa do Marfim contra o vencedor do jogo Benin-Níger.

A Nigéria, organizador do torneio, e o Ghana, detentor do título, foram classificados oficialmente.

De 13 a 15 de Outubro serão disputados os encontros referentes à primeira mão da Taça dos Vencedores das Taças: Mfulira (Zâmbia) - Hussein-Dey (Algéria), Kidofa (Alto Volta) - Horoya (Guiné). A segunda mão será disputada de 27 a 29 de Outubro.

Também, para as meias-finais da Taça dos Clubes Campeões, defrontar-se-ão: Hafia (Guiné) - Vita Club (Zaire), Rangers (Nigéria) - Canon (Camarões). A primeira mão será disputada entre 20 e 22 de Outubro e, a segunda entre 3 e 5 de Novembro.



Na 2.ª parte: Domingos Cá, o primeiro da direita, penetrando calmamente no meio adversário. Surge em corrida o goleador Djudju, em procura de posição.

Anúncios

ALTERAÇÃO DE NOME

Nos termos do n.º 1 do Art.º 368.º do Código do Registo Civil faço saber que Roncador Cá, solteiro, de 21 anos de idade, natural de Quinhamel-Biombo, residente nesta cidade, no Bairro Chão de Papel, n.º 110, filho de Imbulna Cá e de Alandi Indi, requereu a alteração da composição de seu nome fixado no Assento de Nascimento para Rondário Cá.

São por isso convidados todos os interessados interessados a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio no Jornal «Nô Pintcha».

Conservatória do Registo Civil da Guiné-Bissau, 5 de Setembro de 1977. — O Conservador, Nicandro Pereira Barreto.

1.º Concurso do Totobola Nacional 6 concorrentes com (11) e 23 com (10)

No primeiro concurso do Totobola Nacional, correspondente aos jogos do passado fim-de-semana, apuraram-se seis totalistas com 11 pontos, sendo três do interior do país, entre os quais uma mulher. Com 10 resultados certos, verificaram-se 23 totalistas, sendo só um do interior. Os 50 por cento do total da receita que serão distribuídos aos vencedores, 10 mil pesos, serão repartidos ao grupo dos (11), e outra quantia igual ao grupo dos (10).

Os restantes 50 por cento da receita, segundo informações colhidas junto dos altos funcionários do Totobola Nacional, serão

empregues, nesta primeira fase, na cobertura das despesas de organização, desta instituição financeira do desporto nacional.

Esclarecemos que durante o escrutínio a contagem dos boletins que deram entrada e a verificação dos vencedores, qualquer apostador que se julgar afectado pode apresentar as suas reclamações num espaço de 15 dias. Isto porque, o sistema de controle das apostas, nas suas diversas secções, não está mecanizada. Aguarda-se a chegada de várias máquinas de registo e controle das apostas.

Neste primeiro concurso registaram-se 2 mil e 36 concorrentes dos 20 mil impressos emitidos.

A CHAVE DO 1.º CONCURSO

1.º Bolama-FARP	2
2.º Tombali-Ténis	1
3.º Farim-Benfica	2
4.º Sporting-Canchungo	x
5.º Bafatá-Bula	2
6.º Ajuda-UDIB	2
7.º Balantas-Gabú	1
8.º Bissorã-Buba	2
9.º Estoril-Setúbal	1
10.º Famalicão-Guimarães	1
11.º Acad. Viser-Boavista	1
12.º Barreirense-Varzim	1
13.º Braga-Belenenses	1

Farmacias

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro — Telefone 2702

AMANHÃ — «FARMACIA CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

Cinema

Filmes a anunciar

Telefones

Bombeiros Voluntários — 2222.
POLÍCIA, 1.ª Esquadra 3888 — 2.ª Esquadra — 3444.
CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto /4 — TAP 3991/3 — LIA 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.
Chegadas e partidas de navios — 2922/5.
COMPANHIA DE ELECTRICIDADE E AGUAS
Gabinete do Director e Serviços Administrativos — Telefone 2411;
fone 2414 (7 à 1h).
Brigada da Assistência aos Consumidores — Tele-16.30 horas — Desafio de pares.
fone 2414 (7 à 1h).

Sahara Ocidental

Partido governamental espanhol reconhece Frente Polisário como único representante do povo Saharaui

TINDOUF — O partido governamental espanhol, U.C.D. reconheceu oficialmente a Frente Polisário. Entretanto, a Mauritânia afirma não ter, até agora, caucionado «nenhum plano de solução» para o problema do Sahara Ocidental, apesar de «se ter engajado na procura de uma paz que pretenda global».

Um comunicado anunciando, no sábado, a conclusão das conversações tidas a 11 e 12 deste mês entre o representante da UCD, Javier Ruperez, e uma delegação saharauí, declarava que a União do Centro Democrático — partido actualmente no governo em Madrid — reconhece a Frente Polisário como «único e legítimo representante do povo saharauí em luta», reafirmando o direito deste povo à

autodeterminação e ainda que «o caminho para a paz na região do noroeste africano passa pelo respeito do direito do povo saharauí à autodeterminação e à liberdade».

As conversações de Ruperez responsável das relações internacionais do comité directório da UCD, com a delegação saharauí resultaram na libertação de oito pescadores espanhóis aprisionados a 20 de Abril ao largo da costa do Sahara Ocidental.

O delegado da UCD foi recebido pelo secretário-geral da Frente Polisário, Mohamed Abdelaziz e Bachir Mustapha Sayed, secretário-geral adjunto, com os quais discutiu o futuro das relações entre a Frente Polisário e a União do Centro Democrático, por um lado,

e entre a Espanha e a República Árabe Saharaui Democrática, por outro.

A MAURITANIA E O SAHARA OCIDENTAL

O governo mauritaniano não caucionou, até agora, «nenhum plano de solução» do problema do Sahara Ocidental, afirmou na sexta-feira a agência noticiosa mauritaniana (AMP).

Esta declaração desmente a informação recolhida na terça-feira passada em Nouakchott, de «boas fontes», segundo a qual a Mauritânia caucionava actualmente um plano em três pontos de regulamento do conflito do Sahara, podendo resultar na criação de um Estado Saharaui geograficamente isolado do

Marrocos.

«A Mauritânia desencana desde 10 de Julho de 1978 (data do derrube do presidente Moktar Ould Daddah) uma dinâmica de paz que nós pretendemos global», noticiou a agência, para logo acrescentar que a Mauritânia «prossegue os seus esforços em todos os sentidos e particularmente em direcção aos países africanos membros da OUA, com vista à concretização de um processo que deve resultar numa solução definitiva e aceitável por todos os povos da região».

«A Mauritânia, concluiu a AMP, espera que o comité dos sábios da OUA, que acaba de ser criado, se empenhará em criar um clima favorável a um são acordo entre todas as partes implicadas». — (FP)

Nova reforma monetária na Guiné

CONAKRY — Uma reforma monetária terá lugar dentro em breve na Guiné, anunciou Ahmed Sekou Touré, presidente da República, num discurso difundido pela rádio Conakry.

Esta reforma, que será a quarta desde a criação da moeda guineense, em 1960, foi assim revelada com antecedência, contrariamente às precedentes. Uma tal reforma «impõe-se» sublinhou o chefe de Estado guineense. Ela será, acrescentou ele, «o golpe que consolidará para sempre as bases da moeda em circulação na Guiné».

O presidente Sekou Touré, que encerrava uma conferência de quadros dos bancos e dos seguros da Guiné, não forneceu nenhuma outra precisão sobre o conteúdo da reforma prevista.

João Baptista Figueredo é o novo presidente do Brasil

RIO DE JANEIRO — João Baptista Figueredo, candidato do partido da «Aliança para a Renovação Nacional» (ARENA), no poder desde o golpe de Estado de 1964, foi eleito presidente do Brasil por um período de seis anos. O seu mandato iniciar-se-á a 15 de Março do próximo ano.

Não é de surpreender esta vitória do general Figueredo por uma margem de 123 votos no colégio eleitoral sobre o candidato da oposição, o general Euler Bentes Monteiro, de 60 anos. O esquema político montado pelo regime militar que tomou o poder no Brasil, em Março de 1964, não oferece alternativa nem admite surpresas. A votação indirecta faz da eleição do presidente um facto tão matemático quanto político.

O Brasil teve, pela primeira vez desde há 14 anos, dois candidatos à presidência, o que serve de indicativo de que o sistema político implantado em 1964 se foi desgastando com o uso do poder, enquanto a opção vai reunindo sectores cada vez mais vastos. Mas essa evolução ainda não conduziu a alteração de fundo, como o confirmou a eleição do candidato escolhido pelo

presidente Ernesto Geisel para seu sucessor.

A BANDEIRA DA OPOSIÇÃO

Quanto a Euler Bentes Monteiro, é a bandeira que a oposição desfralda, não para concretizar o sonho utópico de tomar o poder através dum voto indirecto e dirigido, mas para aprofundar a sua acção política com vista à eleição directa (a única permitida pelo sistema brasileiro, de 15 de Novembro.

Com efeito, nesse dia, os brasileiros terão de renovar os 420 lugares da Câmara de Deputados e dois terços dos 66 senadores e eleger legisladores estaduais em 22 províncias.

O panorama que aguarda o novo presidente do Brasil a partir do momento em que tomar posse do Palácio do Planalto (sede do governo), parece não ser tão aprazível como o da sua eleição.

Por baixo, por cima ou por dentro da democracia, o futuro presidente terá de superar problemas sensíveis que abarcam um enorme cenário de 8 milhões de quilómetros quadrados, 110 milhões de habitantes e repletam nos domínios político, sindical, económico, educacional e social.

Yemen do Norte

Combates depois de tentativa falhada de golpe militar

KOWEIT, 16 — Os combates prosseguiram na noite de domingo para segunda-feira no Yémen do Norte, entre os paraquedistas, que ocupam certas zonas montanhosas que cercam a aldeia de Sanna e os soldados que estão aquartelados na capital yemenita, na sequência de uma tentativa falhada de golpe de Estado na tarde de domingo. Segundo o jornal koweitiano «Assiyassah», que noticiou o acontecimento, várias prisões foram efectuadas der-

tro das fileiras das forças armadas yemenitas.

Citando os observadores, o «Assiyassah» estima que é difícil especular sobre uma eventual paragem dos combates.

Estes combates surgem na sequência de uma tentativa falhada de golpe de Estado por «elementos pagos» — segundo anunciou a agência noticiosa iraquiana num despacho datado de Sanna.

«Uma tentativa desesperada realizada por elementos

pagos e infiltrados foi completamente aniquilada», declarou o porta-voz, que precisou que todos os autores dessa tentativa foram presos. Estes, afirmou, visavam fomentar as confrontações dentro do país e semear discórdia no meio das populações yemenitas.

O porta-voz, contudo, não deu nenhuma indicação sobre a identidade ou pertença política dos autores do golpe de Estado.

Juramento de Arap Moi:

«Novo período da história do país na unidade e fraternidade»

NAIROBI — O novo chefe de Estado queniano, Daniel Arap Moi, prestou juramento no sábado, anunciando aos seus compatriotas o início de um novo período na história do país.

O Quénia tem pela frente «um grande futuro», afirmou ele, mas «para o conseguir teremos que trabalhar com todas as nossas forças, a nossa coragem e a nossa vontade num espírito de unidade e de fraternidade».

Frente a várias dezenas de milhares de pessoas, a maior multidão reunida no Parque da Independência de Nairobi desde há muitos anos, Moi jurou, de Bíblia na mão, respeitar a Constituição e servir o país e o

povo. O vice-presidente, Mwai Kibaki, os membros do governo e os chefes do exército e da polícia prestaram depois juramento de lealdade ao presidente e ao país.

Expondo, numa alocução, os princípios que guiarão a sua política, o novo presidente — que sucede ao presidente Jomo Kenyatta, falecido a 22 de Agosto último — afirmou que o seu governo prosseguiria a política de desenvolvimento económico baseada no socialismo africano. Moi evocou os problemas que se põem ao Quénia neste domínio, nomeadamente uma elevada taxa de desemprego, grande pobreza e pouca diversificação de cultu-

ras agrícolas. Reafirmou a necessidade de assegurar a disciplina, a eficácia e a vontade de servir o povo em todas as instituições governamentais, ao mesmo tempo que anunciava a sua decisão de «tomar todas as medidas necessárias para erradicar a indisciplina, a ineficácia e a corrupção» no país.

O presidente Moi indicou em seguida que a política externa do país não sofreria modificações e que o Quénia desenvolveria ainda mais os seus laços com os países africanos irmãos e agiria de acordo com eles para promover os interesses económicos, sociais e políticos da África.

KARTUM, 14 — O presidente ugandês Idi Amin Dada, pediu ao chefe de Estado sudanês e presidente da Organização da Unidade Africana (OUA), o general Gaafar El Nimeiry, de proceder à mediação, no que ele chama de «penetração» no território ugandês de tropas tanzanianas, noticiou, no sábado, em Kartum, o quotidiano «El Sahafa».

O jornal precisa que o presidente Amin enviou, por outro lado, duas mensagens aos presidentes zambiano, Kenneth Kaunda e queniano, Daniel Arap Moi.

RELAÇÕES ANGOLA, CEE

BRUXELAS, 13 — Bento Ribeiro (Kabulu), ministro angolano da Indústria e da Energia, foi recebido na sexta-feira, em Bruxelas, pelo comissário europeu do Desenvolvimento, Claude Cheysson e ainda pelo comissário europeu da Energia, sub-se de fonte próxima da comissão.

A visita de Ribeiro, sublinhou-se em Bruxelas, confirma o desejo de Angola em desenvolver as suas relações com a Europa Ocidental, e com a própria CEE.

A comunidade europeia concedeu 500 mil Unidades de Conta a Angola para projectos técnicos, sobretudo no domínio das pescas.

REMODELAÇÃO MINISTERIAL NA ETIÓPIA

ADDIS-ABEBA, 14 — O Conselho militar e governamental etíope, (DERG), anunciou no sábado a passagem de uma remodelação ministerial, o segundo da semana. Ammanuel Ande Michael, deixou o ministério da Justiça para se tornar ministro de Estado. Três novas pessoas foram admitidas: o tenente-coronel Goshu Would, Gremenew Debel, e Tesfaye Shewaeye respectivamente para Educação, para a Agricultura e a Cultura e para os Desportos e Assuntos da Juventude.

COSMONAUTAS SOVIÉTICOS NO ESPAÇO

MOSCOVO — Completar-se-á agora 17 semanas que os cosmonautas soviéticos, Valdimir Kovalenko e Alexandre Ivantchenkov continuam a girar à volta da Terra.

Na sexta-feira a tripulação terminou o descarregamento do «progress — 4».

O material desmontado foi transportado para o reservatório das bagagens da nave. Terminou igualmente o reabastecimento do combustível dos reservatórios do motor combinado do trem especial.

O controlo médico mostra que Valdimir Kovalenko e Alexandre Ivantchenko estão de boa saúde.

Portugal: Governo novo com fórmula velha possível dentro de dias

As possibilidades de conseguir um acordo interpartidário conducente à formação de um governo de coligação, primeira das alternativas propostas pelo general Eanes aos partidos parlamentares parecem ter-se esgotado após os contactos havidos no fim da semana passada entre o presidente e os líderes partidários. Esboçam-se agora tentativas para viabilizar a segunda alternativa de Eanes: a obtenção dum apoio parlamentar maioritário a um governo chefiado por um «independente» — fórmula já ensaiada, sem sucesso, com o executivo de Nobre da Costa.

Aparentemente, nada obsta a que, muito em breve, possa ser designada uma personalidade «independente» que reúna consenso maioritário. Tanto o PS como o CDS e do PCP declaram já não se opor a que militantes se participem, a título individual, no novo governo — o que já é meio caminho andado, embora se saiba que o CDS não abdicará da sua recusa total a aceitar a presença de militantes do PCP ou, sequer, personali-

dades conotadas, de perto ou de longe, com aquele partido. Somando esta atitude à do PSD, que procura, a todo o custo, inviabilizar qualquer acordo e provocar eleições antecipadas, apenas permanece de pé a incolor aliança PS/CDS, suficiente, por si só, para garantir o aval parlamentar a qualquer governo, seja ele de coligação aberta ou disfarçada.

O xadrez da política portuguesa, depois de tão intensa movimentação de peças, apresenta-se, assim, numa situação idêntica à que antecedeu a crise. Os «xeques» sucessivos do PSD à figura do Presidente não alteraram o equilíbrio do «jogo» mas talvez tenham permitido a Sá Carneiro conquistar valiosas posições para a próxima — antecipada ou não — partida eleitoral. Constituindo-se, desde já, como oposição principal a um governo que não terá tempo — mesmo que tivesse meios, o que tampouco é provável — para solucionar os problemas mais graves do país, o PSD procura polarizar em seu redor o capital de descontentamento que, em tempos, fez a for-

ça do PS e do CDS — num momento em que também eles eram oposição.

CANDIDATO DO PS A PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA

O dr. Carvalho Santos, deputado do PS que até agora nunca ocupara lugar de destaque na bancada parlamentar, foi escolhido pelo Secretariado Nacional do seu partido como candidato ao cargo de Presidente da Assembleia da República, em substituição do dr. Vasco da Gama Fernandes, velho militante socialista. Esta escolha vem desmentir algumas previsões, até há pouco tidas como certas, de que o próprio Mário Soares seria o candidato ao segundo lugar da hierarquia protocolar da República, agora que não parece próximo o seu regresso à chefia do executivo.

A cólera alastra na África do Leste

DAR-ES-SALAM, 15 — A região de Tabora, na Tanzânia Central, foi colocada em quarentena, depois de um recente caso de cólera, anunciou a agência noticiosa oficial tanzaniana.

As pessoas residentes nesta região ou em trânsito por ela devem possuir um salvo conduto passado pelos serviços médicos.

Entretanto, segundo uma estatística «mínima» apresentada na quinta-feira pelos serviços especializados do Ministério belga para a Cooperação e o Desenvolvimento, vinte mil pessoas contraíram a cólera numa vasta região africana englobando o ponto de junta das fronteiras dos três países. Burundi, Rwanda e Zaire.

Depois do início da epidemia, em Fevereiro passado o Burundi anunciou oficialmente, a 21 de Setembro, 4768 casos e 160 mortos.

Uma conferência de embaixadores ocidentais no local permitiu, diz-se em Bruxelas, uma assistência médica urgente e racional.

O Rwanda, pouco atingido pela epidemia, teria nos fins de Setembro cerca de 300 doentes.

Quanto ao Zaire, teve 400 mortos e milhares de doentes no fim de Agosto, somente na região de Uvira, na margem norte do lago Tanganica. Na mesma data 1012 doentes apresentaram-se no centro sanitário de Bukavu, entre o Tanganica e o lago Kivu. 71 doentes dentre eles morreram.

Ainda a 31 de Agosto, na região de Goma, a norte de Kivu, cerca de 1100 doentes foram curados e mais de 100 morreram no centro do curativo. Estes números sublinhou-se no ministério, são os dos doentes que se foram tratar.

Mobutu em Angola

(Continuação da pág. 1)

firme dos dirigentes zairota e angolano, na sua determinação de consolidar cada vez mais os laços seculares de amizade entre os dois povos».

Desta forma foi comentada pela agência zairota de informação, «Azap», a visita de 48 horas, iniciada no sábado, do Presidente Mobutu a Luanda, a convite do seu homólogo, dr. Agostinho Neto.

O convite dos dirigentes angolanos, disse ainda a «Azap», foi feito durante a visita oficial efectuada a Kinshaza, em Agosto passado, pelo Presidente Neto. «Convém lembrar, acrescentou aquela agência, que desde o seu encontro histórico na cimeira de Kartum, os dois presidentes decidiram concretizar os seus esforços através de encontros periódicos e consultas regulares, com vista a aprofundar as relações fraternais e amigáveis entre os dois países».

Com efeito, os dois presidentes deveriam concretizar uma série de acordos, demonstrando a sua vontade comum de reaproximação. Constava ainda da agenda de trabalhos a discussão da composição da comissão da OUA encarregada de controlar a aplicação dos acordos sobre a segurança nas fronteiras comuns, bem como acordos no quadro da cooperação, acordos comerciais, em matéria de transportes aéreos, marítimos e ferroviários nomeadamente o respeitante à reabertura do caminho de ferro de Benguela.

Como escreveria o «Jornal de Angola», a visita demonstra a justa orientação do MPLA e do presidente Neto de estabelecer relações de paz e de boa vizinhança com todos os países limítrofes.

Cooperação com a Argélia

As conversações sobre a cooperação entre a Argélia e a Guiné-Bissau começaram no sábado de manhã na sede do Ministério argelino dos Transportes.

As duas delegações, chefiadas do lado argelino por Ismail Kardoudk, Secretário Geral do Ministério dos Transportes, e do lado da Guiné-Bissau pelo camarada Joseph Turpin, Secretário de Estado das Pescas, perspectivaram as possibilidades da cooperação entre os dois países no domínio das pescas.

O camarada Turpin chegou àquele país na sexta-feira para uma série de conversações com os responsáveis argelinos visando o alargamento da cooperação entre os dois países.

O novo ano escolar

(Continuação da pág. 1)

mão no nosso país.

Grande número de populações dos sectores e tabancas próximas de Farim e vários responsáveis da Educação na região e no país assistiram às comemorações brilhantemente enriquecidas por uma significativa festa popular e da juventude e pioneiros de Farim e Nhacra. Os tamboures, o corá e o balafon misturavam-se e a som das vozes de vários artistas populares que cantaram vivas ao PAIGC, à Independência, ao camarada Presidente, ao camarada Nino Vieira e aos nossos dirigentes e vovós à região de Oio.

O camarada Mário Cabral, fazendo a sua última intervenção como dirigente máximo do Comissariado da Educação que ele agora deixou para o Desenvolvimento Rural, e o delegado regional da Educação, Augusto Sanca, fizeram um relato sucinto da realidade de em que se encontrava desde a libertação do país e o seu desenvolvimento até agora, apesar de inúmeras dificuldades, e encorajaram os alunos, as pupilas e os professores a prosseguir a obra tão sagrada de libertação do nosso povo do analfabetismo.

Filinto Vaz Martins, por sua vez, manifestou o seu

interesse e disposição, em dirigir o novo departamento a que foi destinado pelo Governo, anunciou ao público algumas directrizes de orientação do Ensino para os próximos anos e disse nomeadamente que a Educação tem que ter em conta dois factores: ensinar e controlar o ensino e também formar quadros com os meios que temos. Sem as duas coisas não podemos ter a ilusão de criar ensino por criar, pois isso não vai ao encontro das nossas condições e dos interesses do nosso povo.

Por último, o Comissário Principal, João Bernardo Vieira, recordou o papel da educação e as dificuldades encontradas durante a luta armada, situou o desenvolvimento do ensino no país ao momento presente da Reconstrução Nacional e reforçou as afirmações dos primeiros interlocutores, referindo, a certo ponto, que o objectivo de um aluno ir à escola não deve ser o de conseguir um diploma, mas o de saber aplicar os seus conhecimentos ao serviço do progresso e bem-estar do nosso povo. As comemorações terminaram às 17 horas e o tempo não permitiu a apresentação detalhada do acontecimento neste número do jornal, pelo que contamos fazer-o na próxima quinta-feira.

O novo Papa foi eleito ontem

(Continuação da pág. 1)

dre a 1 de Novembro de 1964. Consagrando-se à vida pastoral em diferentes paróquias tornou-se vigário e depois cura.

Em 1958, foi nomeado bispo auxiliar de Cracovie, e a 13 de Janeiro de 1964, arcebispo da mesma diocese. Ele desempenhou um importante papel durante o segundo concílio do Vaticano.

O sinal da eleição deste primeiro Papa não italiano, depois de 5 séculos, surgiu cerca das 17.15 h. GMT de ontem, quando uma quinzena de religiosos que abriram as janelas do camarim das damas, no interior do Conclave. Depois foi o fumo branco. Padres e prelados, até então no interior do Conclave, apare-

ceram na varanda sob o secretariado de Estado, saudando uma imensa multidão que os aclamava. Um segundo fumo branco apareceu então.

João Paulo II faria a sua aparição às 18.20 h. GMT na varanda da Basílica de São Pedro. «Tive medo de receber esta nomeação, mas fiz-no num espírito de obediência a Jesus Cristo, e de confiança da Santa Virgem», declarou ele dirigindo-se, numa voz comovida, à multidão que o ovacionava. «Sentimos ainda a dor pela morte de João Paulo I, disse ainda, e eis que os cardeais chamam um novo bispo a Roma».

DIVERGÊNCIAS NO CONCLAVE?

«L'Observatore Romano»

desmentiu ontem à tarde a existência de divisões no Conclave. «Os seus membros reflectem a diversidade de culturas e de tradições que fazem parte integrante do património da Igreja, escreve o jornal. Uma eleição não pré-fabricada supõe um período de reflexão, que permite a aparição do candidato susceptível a reunir os votos necessários».

A Imprensa italiana recordava, algumas horas antes, as palavras do cardeal Giuseppe Siri, arcebispo de Genes, sobre a necessidade de um conclave «mais meditado» que o precedente e as do cardeal Vicente Enrique y Tarancon, arcebispo de Madrid sobre a «frivolidade» daqueles que querem o conclave mais curto.

Novas notas de mil pesos



(Continuação da pág. 1)

de 1978» e as assinaturas em fac-símil.

Junto ao lado direito, figura um motivo de decoração dum pano tradicional com

formato rectangular, tendo à esquerda a efigie do Fundador da Nacionalidade, em fundo verde com motivo de decoração de panos tradicionais.

No verso, do lado esquerdo,

ocupando cerca de 3/4 figura, um painel intitulado «Apoteose ao Triunfo», encaixado entre dois desenhos representando motivos de decoração de panos tradicionais.